



***MULHERES NEGRAS CONTANDO SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS:
TRAJETÓRIAS DE ATIVISTAS NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL***

***MUJERES NEGRAS CONTANDO SUS PROPIAS HISTORIAS:
TRAYECTORIAS DE ACTIVISTAS NEGRAS EM RIO GRANDE DO SUL***

***BLACK WOMEN TELLING THEIR OWN STORIES:
TRAJECTORIES OF BLACK ACTIVISTS IN RIO GRANDE DO SUL***

Vanessa Rodrigues da Silva¹

RESUMO

Este estudo é parte da pesquisa “Por Diferentes Caminhos chegamos ao Movimento de Mulheres Negras: Trajetórias de Ativistas negras da década 1980 no Rio Grande do Sul”² que investigou a trajetória de três ativistas negras do RS. A História Oral foi o principal suporte deste trabalho, as entrevistas foram conduzidas a fim de perceber a relação entre história social e trajetórias individuais com a intenção de acompanhar, suas trajetórias de vida, até a inserção nos movimentos sociais (MS) e observar como se articularam as percepções de raça e gênero e como estas influenciaram suas identidades, bem como suas formações políticas. Os ativismos dessas mulheres, têm demonstrado que os MS tem conseguido expandir a política de raça e de gênero para locais em que elas antes não eram consideradas ou eram invisibilizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Negras. Movimentos Sociais. História das Mulheres. Rio Grande do Sul

RESUMEN

¹ Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGH/UFRGS. Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa - CNPQ E-mail: nessita18@gmail.com

² Apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como quesito parcial para a obtenção do grau em Licenciatura em História 2018/2.

Este estudio es parte de la investigación "A través de diferentes caminos llegamos al Movimiento de Mujeres Negras: Trayectorias de activistas negras de la década de 1980 en Rio Grande do Sul", que investigó la trayectoria de tres activistas negras de RS. La historia oral fue el principal apoyo de este trabajo, las entrevistas se realizaron para comprender la relación entre la historia social y las trayectorias individuales con la intención de seguir, sus trayectorias de vida, hasta la inserción en los movimientos sociales (MS) y observar cómo Percepciones articuladas de la raza y el género y cómo influyeron en sus identidades, así como en sus formaciones políticas. El activismo de las mujeres ha demostrado que la MS ha podido expandir la política de raza y género a lugares donde antes no se consideraban o eran invisible

PALABRAS-CLAVE: Mujeres negras, movimientos sociales. Historia de la mujer. Río Grande del Sur

ABSTRACT

This study is part of the research "Through Different Paths we reach the Black Women Movement: Trajectories of Black Activists of the 1980s in Rio Grande do Sul" which investigated the trajectory of three black activists from RS. Oral History was the main support of this work, the interviews were conducted in order to understand the relationship between social history and individual trajectories with the intention of following, their life trajectories, until insertion in social movements (MS) and observe how articulated perceptions of race and gender and how they influenced their identities as well as their political formations Women's activism has shown that MS have been able to expand race and gender policy to places where they were not previously considered or were invisible.

KEYWORDS:. Black Women. Social Movements. Women's History. Rio Grande do Sul

* * *

As mulheres são como água, crescem quando se juntam - Fórum Mulheres Amazônia

Introdução

As mulheres negras brasileiras, em diferentes contextos históricos, instituíram estratégias de resistência e de enfrentamento ao racismo e ao sexismo. Essas ações, no entanto, foram invisibilizadas ao longo da escrita da história, produzindo uma lacuna para a compreensão da sociedade brasileira. Evaristo (1996), escritora e pesquisadora da

³ Ver mais em Schumacher e Vital Brazil (2007) e Silva (2009)

literatura afro-brasileira em sua dissertação de mestrado aponta que a literatura negra é um lugar de memória, a autora parte da premissa de que agora homens e mulheres negras estão se apropriando do movimento de escrita e eu acrescento o de fala, atividades estas que durante muito tempo foram-lhes negada e que hoje apresentam-se não mais, como objetos de estudos, mas sim como sujeitos, portanto, como produtores de conhecimento. Conceição Evaristo utiliza-se da literatura para reivindicar e afirmar o direito à memória. Nós historiadoras/es também a reivindicamos, pois sabemos pouco sobre a trajetória e protagonismos de nossos antepassados, sobre a resistência de homens e mulheres negras. Por isso elegi para a construção deste trabalho as palavras e memórias de três ativistas negras, Maria Noelci Homero⁴, Vera Daisy Barcellos⁵ e Reginete Bispo⁶, sem esquecer que esse rememorar o passado, assim como na história, opera por descontinuidades, pois selecionamos acontecimentos, e modos de viver, para conhecer e explicar o passado (ALBERTI, 1996 p.14)

Os critérios adotados para a escolha das entrevistadas estão relacionados, primeiramente, à importância que estas mulheres ocupam no movimento social, bem como ao fato de terem atuado e/ou iniciado sua trajetória política na década de 1980. São mulheres que apresentam semelhanças de origem social e política, e apenas uma delas apresenta diferença geracional. Todas têm suas trajetórias marcadas pela atuação em diferentes espaços dos movimentos sociais, com destaque para suas atuações no Movimento Negro, na política partidária e, em especial, no Movimento de Mulheres Negras. Embora possuam perfis variados, as três mulheres compartilham as causas de enfrentamento ao racismo, sexismo e às desigualdades sociais. A militância política analisada refere-se à atuação dessas mulheres, durante um período significativo, na emergência dos movimentos sociais contemporâneos face ao desmantelamento do regime militar, privilegiando os discursos e narrativas sobre o movimento de mulheres negras. Portanto temos como objetivo fomentar a partir do estudo de trajetórias, novas narrativas e discursos, assim como visibilizar e reconhecer a atuação das mulheres negras afro-gaúchas que contribuíram e/ou contribuem para as diferentes áreas do conhecimento no cenário gaúcho.

⁴ Bibliotecária, funcionária pública aposentada. Atualmente integra a Rede de Mulheres Negras para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (REDESSAN).

⁵ Jornalista profissional, integra a diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do RS, é presidente da Comissão Nacional de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas e é ativista do movimento feminista das mulheres negras, integrando a ONG Sempre Mulher Instituto de Pesquisa e Intervenção Racial.

⁶ Socióloga, diretora executiva no Instituto de Pesquisa e Assessoria em Direitos Humanos Gênero, Raça e Etnias - AKANI.

METODOLOGIA:

Um trabalho científico construído por e para as mulheres negras coloca-se, portanto como um desafio ao espaço da universidade, marcado pelas relações de poder e de saberes hegemônicos. A categoria raça e a experiência das mulheres negras nesses estudos foram longamente desconsideradas, embora já houvesse por parte das feministas negras uma crítica à universalização e à experiência de ser mulher. O ponto de vista das mulheres negras foi ignorado pela maioria das intelectuais da área (CALDWELL, 2000). A crítica empreendida pelas intelectuais e feministas negras como Lélia Gonzalez e Luiza Bairros demonstravam que esta falta de atenção “escondia a cumplicidade das mulheres brancas com seu privilégio racial e reforçava o *status* subalterno das mulheres negras” (CALDWELL, 2000)

Kia Caldwell afirma que:

(...) De várias maneiras a ausência histórica de discussões públicas sobre raça, racismo no país resultou no apagamento discursivo das realidades de dominação racial, o que aconteceu também no campo dos estudos sobre mulheres, que, portanto, se torna até certo ponto, cúmplice dessa negligência: ao retratar as mulheres brasileiras em termo monolíticos (CALDWELL, 2000)

Dessa forma, o desenvolvimento da produção de conhecimento feminista no Brasil, utilizando-se de um discurso universalizante, contribuiu para reforçar o mito de que as diferenças raciais na sociedade brasileira eram mínimas. A não incorporação das variáveis raça e gênero nas produções teóricas impediu mulheres negras, e a sociedade brasileira como um todo, de se beneficiarem desses estudos, o que significa também dizer que as experiências das mulheres negras raramente são examinadas. Eis que “Chegou a hora de dar à luz a nós mesmas” (SILVA, 1980). Temos aqui, como centro para as análises, o que a socióloga e feminista afro-americana Patricia Hill Collins propõe: valer-se da experiência de ser mulher negra dentro do espaço acadêmico. Portanto, o propósito deste trabalho é compreender, a partir do ponto de vista das ativistas negras, suas trajetórias sociais e políticas e suas relações e inserções nos movimentos sociais.

Em vista do exposto, a utilização da história oral configurou-se como o principal suporte deste trabalho. A linguagem, na sua expressão oral, tem sido desde início da história da humanidade um dos métodos mais antigos para a transmissão de saberes, costumes e tradições de diferentes grupos sociais. Como afirma Pinto, “O ato de falar

pode ser uma forma de perpetuação do universo conhecido, mas também uma estratégia de resistência e transformação, à medida que existe a possibilidade de se manipular a cultura através da linguagem” (PINTO, 2015) Foi utilizando-se da oralidade que muitas culturas africanas aqui escravizadas puderam organizar diversas formas de resistências no período escravista e no pós-abolição. Os depoimentos aqui registrados se relacionam com outras linguagens, como a produção acadêmica sobre o tema, mas a razão de se utilizar principalmente o relato oral é que este, conforme assinala Pinto:

(...) sintetiza os momentos vividos, construindo uma biografia individual, mas possibilita também associações com a estrutura social. É uma das técnicas mais apropriadas para os estudos de trajetórias de vida, indicando o sentido histórico e a dinâmica das relações sociais (PINTO, 2015, p.64)

Assim o estudo das trajetórias sociais e políticas das ativistas negras apresenta narrativas que são sim individuais, mas que também são coletivas, o que permite conhecer muitas outras histórias, ao passo que possibilita identificar os percursos e os discursos sobre os movimentos sociais, especificamente o movimento negro e o movimento de mulheres. Este estudo aproxima-se da história social, concepção historiográfica proposta por historiadores, sobretudo ingleses, entre os quais Eric Hobsbawm e Edward Palmer Thompson. Estes trouxeram para o centro de suas análises as ações dos sujeitos ocultados, até então, na historiografia tradicional de caráter político institucional (PETERSEN; LOVATO). Assim, se faz mais que necessário fazer virem à tona essas histórias que, embora tenham sido soterradas, emergem cotidianamente, pois, como afirma Pollak, “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressalta a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas se opõem à “memória oficial” (POLLAK, 1989). Nesse sentido, ao apresentar a história e trajetórias dessas mulheres, busco trazer outras narrativas possíveis sobre a conformação da sociedade brasileira e que podem ter a mesma visibilidade que as dos homens e/ou brancos ao longo da história. O esforço também expressa um compromisso com a promoção de uma sociedade justa e equânime.

Entre semelhanças e diferenças constituem-se as mulheres negras da pesquisa

Para a escrita do presente trabalho, reconhecendo que há uma identificação comum entre as mulheres negras, no que concerne às suas experiências sociais e políticas, busco percorrer algumas trajetórias de vida, atenta ao fato de que seus discursos e experiências são atravessados por diferentes opressões sociais e simbólicas vividas

cotidianamente. São mulheres que apresentam semelhanças de origem social e política, e apenas uma delas apresenta diferença geracional. Com exceção de Vera Daisy, cuja sua relação familiar foi condicionada pela vivência e experiência de ter pais adotivos, as entrevistadas, ao falarem de suas famílias, origens, destacaram uma forte ligação com os bairros, seja onde nasceram, seja onde fixaram suas residências e construíram suas histórias. Reginete Bispo fez questão de ressaltar as tensões que ela e sua família enfrentaram em uma área majoritariamente ambientada por colonos, de origem italiana, entre os quais, pretos e indígenas que também habitavam o lugar eram marginalizados e estigmatizados. Maria Noelci ressaltou com orgulho o local onde nasceu e os processos de lutas e de sobrevivência das comunidades negras que ali habitavam – segundo ela, sua militância é dada desde o nascimento, foi a partir daquele lugar que se deu toda sua compreensão e visão de mundo sobre as questões étnico-raciais.

A partir de suas vivências familiares, foi possível perceber que a solidariedade era uma característica forte entre as entrevistadas, pois todas ressaltaram as responsabilidades que tinham em suas casas com suas famílias, uma vez que estas responsabilidades eram compartilhadas com suas mães tias e irmãs. Diferentemente das demais, os serviços domésticos da casa onde vivia Vera Daisy era de responsabilidade da trabalhadora doméstica, e ela sendo sobrinha desta trabalhadora, assumia também parte desses serviços, logo, a relação estabelecida era de trabalho, neste caso, uma troca, pelas roupas e comida que recebia por viver com esta família.

Nas memórias das três, foi possível identificar que foi durante a infância que elas se depararam com a questão racial. No caso de Noho, isso aparece de modo entrelaçado com a convivência em uma comunidade negra de Porto Alegre, que contribuiu para a construção de uma identidade, de um pertencimento a essa comunidade. No caso da Reginete, os conflitos vivenciados no interior, que envolviam relações raciais e étnicas, parecem ter um papel importante na sua trajetória como mulher negra. Já para Vera Daisy essa situação se origina de uma hierarquia de raça, classe e gênero vivida desde a infância, na condição de “menininha”, filha de criação de um casal branco que a tratava ora com orgulho, ora com preconceito, a questão de ser “quase da família”, mas desde que soubesse qual era o seu lugar naquela hierarquia.

Sobre suas lembranças escolares, muito pouco elas mencionaram situações de racismo e ou/preconceito, contudo, isso não significa dizer que não elas não tenham sido vitimizadas e discriminadas. Nesse sentido, o racismo no ambiente escolar se materializa de outras formas a saber, pela quase ausência de alunos e alunas negras nos bancos

escolares, Nos relatos de Maria Noelci, isso ficou bem evidente, embora tenha estudado em uma escola privada, onde a ausência de negros e negras era uma realidade, não foi muito diferente da experiência de Vera Daisy que estudou em escola pública, onde a ausência de negros e negras se repetia. No entanto, há outras formas que promovem a exclusão e marginalização das crianças e jovens negros, como por exemplo a existência de um ritual pedagógico que para Gonçalves “exclui dos currículos escolares a história de luta dos negros na sociedade brasileira e impõe às crianças negras um ideal de ego branco” (GONÇALVES *apud* CAVALLEIRO, 2000, p. 32). A não problematização por parte dos professores das situações de discriminação presentes nos próprios livros escolares contribuiu não só para reduzir a autoestima estudantes negros e negras, como também para perpetuar o racismo na sociedade.

Nas lembranças de infância de Reginete Bispo, foi possível perceber que a negação por ela ser uma criança negra se materializava, por exemplo, nos banhos de riacho quando, inúmeras vezes, suas amigas não negras a esfregavam a fim de ver se com água seria possível embranquecê-la, o que fazia dela uma intrusa entre seus amigos brancos. Não muito diferentes foram as experiências e vivências enquanto estudantes do ensino médio e universitárias, embora as condições socioeconômicas das entrevistadas não as tenham impossibilitado de cursar o ensino superior na universidade pública – todas são formadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – a experiência de serem as poucas e, quiçá, as únicas mulheres negras em seus cursos foi marcante.

A trajetória das entrevistadas guarda semelhanças com a história de várias mulheres empobrecidas e que, com muito custo, alcançaram carreiras que até então pareciam inacessíveis a mulheres negras. Maria Noelci forma-se em Biblioteconomia e torna-se funcionária pública. Vera Daisy, embora tenha sido criada por uma família rica, não usufruía totalmente dos bens materiais, tanto que, durante todo o período da graduação em Jornalismo, seguiu os estudos conciliando-os com as tarefas domésticas em sua residência e é somente depois de formada que Vera Daisy terá seu primeiro salário, tendo atuado como jornalista em vários jornais do estado como *Correio do Povo*, *Diário de notícias*, *Zero Hora*. Foi também editora chefe de uma revista dedicada a discutir as questões étnico-raciais no Rio Grande do Sul, no final dos anos de 1970. Por fim, a mais jovem entre elas, Reginete Bispo, forma-se em Ciências Sociais. Chama a atenção o tempo de conclusão do ensino superior, apesar da ausência de políticas públicas no período em que ingressaram na universidade, todas as entrevistadas já estavam formadas e atuando em suas respectivas áreas quando contavam entre 20 e 25 anos de

idade.

As entrevistadas, na contemporaneidade, atuam em diversos espaços na linha de combate ao racismo, sexismo e de gênero, e todas elas de uma forma ou de outra atuam em organizações ditas de mulheres negras. Vera Daisy faz parte da Organização Sempre Mulher, atuando como conselheira fiscal, Maria Noelci, atua na Rede de Mulheres Negras para a Soberania e a Segurança Alimentar e Nutricional (REDESSAN) e Reginete Bispo é diretora executiva no Instituto de Pesquisa e Assessoria em Direitos Humanos Gênero, Raça e Etnias - AKANI. Apesar de todas elas, num dado momento, terem participado do movimento de mulheres negras, com exceção de Maria Noelci cuja militância se deu a partir do seu ingresso na Organização de Mulheres Negras - Maria Mulher, as demais foram militantes do movimento negro e, especialmente, do MNU, como foi o caso de Reginete Bispo, que chegou ocupar o cargo de Secretária Estadual pela entidade e de Vera Daisy que atuou no Grupo Cultural Palmares. É justamente a militância o principal ponto em comum entre todas as entrevistadas. Esta trajetória possibilitou que se conhecessem, se encontrassem e atuassem juntas em algumas organizações, como foi o caso de Maria Noelci e Vera Daisy, que atuaram seja como coordenadoras, ou como consultoras na ONG Maria Mulher, ou desenvolvessem trabalhos coletivos em diversos espaços, como foi quando Reginete se lança como candidata pelo Partido dos Trabalhadores e Noelci, como outras companheiras e companheiros do movimento negro, envolveu-se na captação de recursos vendendo “bolinhos de Zumbi”, como relatou Noho em entrevista. Esta relação entre elas facilitou sobremaneira este trabalho.

Os perfis dinâmicos dessas mulheres, configurados por trajetórias familiares, escolares, profissionais, revelaram singularidades e semelhanças entre as entrevistadas. Ao focalizar a militância de cada uma das entrevistadas nos movimentos sociais e nas ações coletivas, foi possível perceber as semelhanças, em seus discursos, quanto às relações tensas e conflituosas entre companheiros de movimento, quanto aos processos de formação e aprendizados

Mulheres negras em movimento: lutas contemporâneas

A partir das trajetórias sociais e políticas das ativistas abordadas nesta pesquisa identifica-se que a luta por uma sociedade justa, antirracista se faz presente na contemporaneidade seja em forma de novas ações e/ou de participação em organizações negras, na institucionalidade, ou nas lutas sindicais. São perceptíveis, na atualidade, as

marcas que o movimento negro e o movimento de mulheres negras imprimiram no fazer e ser jornalista de Vera Daisy Barcellos, no fazer da política partidária de Reginete Bispo e no fazer de articulação em rede de Nô Homero.

Por uma comunicação antirracista, vê-se a atuação da Vera Daisy no Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros no Rio Grande do Sul criado em meados de 2001.⁷ Em 2004, o Núcleo Gaúcho, com outros núcleos de jornalistas da região sudeste apresentaram no XXXI Congresso Nacional dos Jornalistas uma tese de grande relevância para a luta dos jornalistas contra a desigualdade racial na profissão (XAVIER, 2013). Das teses apresentadas neste congresso, destacam-se recomendações como a inclusão da auto declaração étnico-racial nas fichas sindicais, bem como a realização de dados estatísticos sobre a categoria levando em consideração o recorte racial e de gênero. Vera Daisy é uma das articuladoras do Núcleo de diversidade e gênero e, entre os trabalhos desenvolvidos por ela, estão a parceria com a organização feminista Coletivo Feminino Plural em adesão à campanha Ponto Final à violência Contra as Mulheres, pela descriminalização do Aborto e o curso de Gênero, Raça e Etnia.⁸ Destaca-se, ainda, sua atuação no conselho deliberativo da Fundação Cultural Piratini Televisão Educativa TVE- RS, participou do Conselho Municipal de Políticas para o Povo Negro e do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra - CODENE. De 2007-2010, integrou a gestão do Sindicato dos Jornalistas profissionais do Rio Grande do Sul (SINDIJOR) como presidenta da Comissão de ética e na gestão (2013 -2016) atuou como vice presidenta do sindicato. No período de 2014-2017 foi presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher -COMDIM/Porto Alegre. Durante quatro anos, representando o Sindjors, integrou a Comissão de Avaliação do Ingresso de Cotistas Raciais, responsável pela acessibilidade de candidatos/as negros/as a cargos públicos de provimento efetivo do Município de Porto Alegre.

Nô Homero, a partir da experiência adquirida na Ong Maria Mulher e, em articulação com outras mulheres negras criou em 2005 a Rede de Mulheres Negras para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (REDESSAN), a qual tem como missão a articulação com organizações da sociedade civil para propor políticas públicas que

⁷ Esta iniciativa parte da omissão dos meios de comunicação em visibilizar a participação dos militantes durante o Fórum Social Mundial de 2001.

⁸ Promovido pelo Núcleo de diversidade e Gênero, contou com o apoio da Federação Nacional dos Jornalistas. O curso teve o patrocínio da ONU Mulheres e atingiu mais de 750 jornalistas, comunicadoras e estudantes em dez estados.

garantam o direito humano à alimentação adequada e à soberania e segurança alimentar e nutricional da população negra e, em particular, das mulheres negras, além de atuar na avaliação dos efeitos das políticas públicas de Soberania e Segurança Alimentar.⁹ Essa articulação se dá em redes tanto com as mulheres negras de diferentes estados do Brasil quanto com mulheres de países de língua portuguesa do continente africano.

Reginete Bispo tem-se debruçado sobre as questões que envolvem as comunidades remanescentes de quilombos e refugiados no Rio Grande do Sul, intervindo a partir da institucionalidade. No ano de 2012, representou o Governo Brasileiro no IV Congresso Nacional Africano na África do Sul. Integrou a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do RS de 2011 a 2014¹⁰. Atualmente é suplente de vereadora na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, consulesa honorária do Senegal, dirige a AKANI - Instituto de Pesquisa e Assessoria em Direitos Humanos Gênero, Raça e Etnias e recentemente foi eleita como 2º suplente para o Senado junto com Paulo Paim.

Resultados e discussões

Investigar as trajetórias de vida e políticas das mulheres negras de Porto Alegre fez-me reviver com elas momentos significativos de suas vivências e histórias. A partir das memórias das entrevistadas, foi possível perceber um pouco de suas intervenções e seu jeito de fazer política, os aprendizados adquiridos nos movimentos sociais, suas tensões e conflitos intra-movimentos. A pesquisa demonstrou que nem sempre a participação em um movimento social identitário significou ruptura, revelou que a atuação concomitante não é impossível e que essa participação exige escolhas, que muitas vezes se dão em meio a conflitos pessoais e políticos. Verifica-se que a emergência dos novos movimentos sociais de caráter identitário, como o Movimento Negro e o Movimento Feminista, embora progressistas, ainda assim não incorporavam as necessidades específicas daquelas que também estavam inseridas no interior desses movimentos, isto é, as mulheres negras. As narrativas das entrevistadas colaboram e reforçam o caráter que o Movimento de Mulheres Negras têm que é o de pressionar pelo reconhecimento de suas especificidades, expondo as problemáticas das desigualdades intragênero e racial no interior dos movimentos sociais negros, feministas e partidário.

⁹ Ver: <<http://mulheresnegrassan.wixsite.com/mnssan?fbclid=IwAR0o8dSq6rFq9s-XNoJdrdRL05tDsc0JapX80f2VjIU13jEsqoDedWoQde4>>

¹⁰ Ver: <<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/Default.aspx?IdMateria=315313>>

Nas trajetórias de Vera Daisy, NoHomero e Reginete Bispo, confirma-se o que Nilma Lino Gomes (2017) diz sobre o movimento social negro, e aqui acrescento o movimento de mulheres negras, como sendo portadores de saberes políticos e emancipatórios que não se restringem apenas à comunidade negra, mas reeducam o conjunto da população. Os ativismos dessas mulheres na contemporaneidade, forjados no interior dos movimentos sociais, têm demonstrado que os movimentos sociais negro e de mulheres negras têm conseguido expandir a política da raça e da identidade negra, e aqui acrescento a questão racial de gênero, para locais em que elas antes não eram consideradas ou eram invisibilizadas (GOMES, 2017). As experiências adquiridas por estas mulheres no interior dos movimentos sociais fazem parte de suas *praxis*, no caso de Vera Daisy, as questões sobre diversidade gênero e raça passaram a ser incorporadas no sindicato dos Jornalistas, nos conselhos municipais em que ela está inserida. Para NoHomero, isso se dá a partir da discussão em torno da soberania e segurança alimentar, e para Reginete, através da política partidária.

Considerações Finais

Levando em consideração as trajetórias aqui referidas, ao qual tinha como objetivo visibilizar as narrativas de mulheres ativistas e reconhecer a atuação política das mulheres negras, nota-se que a participação nos movimentos sociais foram de extrema relevância para essas mulheres, as quais tiveram suas identidades raciais e feministas impactadas e forjadas no interior dos movimentos sociais. A pesquisa colocou-me diante de mulheres que seguem em movimento, que seguem lutando por uma sociedade justa, equânime e antirracista, que seguem resistindo, demarcando suas diferenças entre os diferentes.

Por fim as trajetórias aqui analisadas, não devem ser entendida como uma narrativa “deslocada” da história contemporânea, tanto do Rio Grande do Sul, como do Brasil. E esta é a potência da História Oral, pois permite a partir dos testemunhos, ampliar o nosso conhecimentos sobre o passado atribuindo-lhes novos sentidos aos acontecimentos, e se utilizarmos esta metodologia com comprometimento e ética, nossos trabalhos podem contrapor ao epistemicídio acadêmico, ao passo que contribuiremos para que novas narrativas sejam construídas, visibilizadas e reconhecidas.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amilcar Araujo: **Possibilidades das Fontes Oraís: Um exemplo de pesquisa.** *Revista: Anos 90*, Porto Alegre V. 15 n° 28 p.73-98, dez. 2008.

ALBURQUEQUE, Wlamira R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteira da diferença: raça e mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n.2, p. 91-109, 2000.

CALDWELL, Kia Lilly. Militância das mulheres negras e o desenvolvimento do campo de saúde da população negra no Brasil. *In: SILVA, Joselina da; PEREIRA, Amauri Mendes. O movimento de mulheres negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil.* Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Soc. Estado*. [online]. v. 31, n.1, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade.** 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

PETERSEN, Silvia Regina F.; LOVATO, Barbara H. **Introdução ao estudo da História: temas e textos.** Porto Alegre: Edição das autoras, 2013.

PINTO, Elisabete Aparecida. **Etnicidade, gênero e educação: a trajetória de vida de Dona Laudelina de Campos Melo (1904-1991).** São Paulo: Anita Garibaldi, 2015 524 p (Vozes oprimidas)

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

SANTOS, José Antônio. Movimento Negro no Rio Grande do Sul: apontamentos de uma história II. *Anais do XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS*, 18-21 jul 2016, UNISC, Santa Cruz do Sul.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASZIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil.** Rio de Janeiro: REDEH/ SENAC Senac nacional Editora, 2007.; SILVA, Joselina da., **Mulheres Negras: Histórias de alguma,s brasileiras.** Rio de Janeiro CEAP, 2009.

SILVA, Maria Aparecida. **Trajetórias de mulheres negras líderes de movimentos sociais em Araraquara - SP: estratégias sociais na construção do modo de vida.** Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz G. e. “Chegou a hora de darmos à luz a nós mesmas”: Situando-nos enquanto mulheres e negras. *Cadernos CEDES* [online], v. 19, n. 45, pp.7-23, 1998.

SILVA, Vanessa Rodrigues da. **“Por diferentes caminhos chegamos ao movimento de mulheres”**: trajetórias de ativistas negras da década de 1980 no Rio Grande do Sul. UFRGS.2018.

Recebido em setembro de 2019.

Aprovado em outubro de 2019.